

CRIANÇAS PRODUZEM E (RE)SIGNIFICAM SUAS CULTURAS NOS AMBIENTES EDUCATIVOS: EDUCAÇÃO NO CAMPO E AS CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA

CHILDREN PRODUCE AND (RE)SIGNIFY THEIR CULTURES IN EDUCATIONAL SETTINGS: RURAL EDUCATION AND THE CONTRIBUTIONS OF THE SOCIOLOGY OF CHILDHOOD

LOS NIÑOS PRODUCEN Y (RE)SIGNIFICAN SUS CULTURAS EN ENTORNOS EDUCATIVOS: LA EDUCACIÓN RURAL Y LAS APORTACIONES DE LA SOCIOLOGÍA DE LA INFANCIA

Josilene Sepulcro Do Nascimento Amaral¹

1

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar como os ambientes educativos da Ciranda da LEDoC possibilitam as interações e brincadeiras entre as crianças e entre elas e os adultos, promovendo a (re)significação de suas culturas. Trata-se de um relato de experiência com crianças e suas mães estudantes matriculadas no curso de licenciatura em educação do campo – LEDoC-UFES. A metodologia adotada baseia-se em revisão de literatura, ressaltando a relevância social do tema, e no estudo de caso fundamentado na observação participante. Os resultados indicam que a integração entre crianças, famílias e educadores na Ciranda proporciona uma experiência enriquecedora de aprendizagem. Mães/Pais e responsáveis desempenham um papel fundamental não apenas nos cuidados, mas também no fortalecimento das práticas pedagógicas, demonstrando a importância do acolhimento e colaboração comunitária para o desenvolvimento infantil. Conclui-se que a Ciranda da LEDoC/UFES é um espaço educativo inovador que alia prática pedagógica à defesa dos direitos das crianças e de suas mães e famílias. Sua abordagem na educação do campo configura-se como um modelo para iniciativas de educação infantil, criando ambientes de aprendizagem que respeitam as especificidades culturais e sociais e fortalecem o protagonismo infantil na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Palavras-chave: Educação no campo. Crianças. Interculturalidade. Decolonidade.

¹ Professora e Mestra em Educação do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação - PPGPE do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

ABSTRACT: This article aims to analyze how the educational environments of the LEDoC Ciranda facilitate interactions and play among children, as well as between children and adults, thereby fostering the (re)signification of their cultures. It presents an account of an experience involving children and their student-mothers enrolled in the Rural Education degree program (LEDoC) at UFES. The methodology is based on a literature review—highlighting the social relevance of the topic—and a case study grounded in participant observation. The results indicate that the integration of children, families, and educators within the Ciranda provides an enriching learning experience. Mothers, fathers, and guardians play a fundamental role not only in caregiving but also in strengthening pedagogical practices, demonstrating the importance of a welcoming atmosphere and community collaboration for child development. The study concludes that the LEDoC/UFES Ciranda is an innovative educational space that combines pedagogical practice with the defense of the rights of children, their mothers, and their families. Its approach to rural education serves as a model for early childhood education initiatives, creating learning environments that respect cultural and social specificities while empowering children to play an active role in building a more just and egalitarian society.

Keywords: Rural education. Children. Interculturality. Decoloniality.

INTRODUÇÃO

Este artigo baseia-se no projeto de qualificação de mestrado e tem como foco a visibilidade dos ambientes educativos na Ciranda do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), problematizando a prática pedagógica com e a partir das crianças. A Ciranda da LEdoC emerge como uma conquista histórica das lutas e resistências dos trabalhadores/as do campo e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), possibilitando que mães estudantes e trabalhadores/as camponesas permaneçam no curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

No contexto do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), no Campus Goiabeiras da UFES, a permanência das mães estudantes da classe trabalhadora do campo representa um desafio, tornando a Ciranda um espaço essencial de educação não escolar para o acolhimento, cuidado e desenvolvimento das crianças. Esse ambiente promove interações e fundamentais emergem nesse cenário: Como ocorrem essas interações e brincadeiras? Qual é a responsabilidade dos adultos na educação e no cuidado dessas crianças? Essas indagações fundamentam a necessidade de um aprofundamento teórico e empírico sobre a temática.

Para responder a esses questionamentos, a pesquisa adota um paradigma fundamentado na práxis política, com uma abordagem decolonial e uma perspectiva crítica da interculturalidade. Esse direcionamento teórico-metodológico visa compreender as dinâmicas e

os desafios enfrentados na Ciranda da LEdoC, bem como suas potencialidades na construção de um espaço educativo significativo.

O estudo também contempla um relato de experiência com crianças matriculadas em um Centro Municipal de Educação Infantil da Região Metropolitana da Grande Vitória/ES. Entre elas, destaca-se criança com limitações cognitivas e motoras devido a uma doença congênita, que impacta sua locomoção e alimentação, exigindo um acompanhamento especializado. Outro caso observado é o de uma criança com Síndrome de *Down*, para quem a adaptação escolar apresentou desafios significativos, especialmente no compartilhamento de brinquedos e na interação social. Inseridas em um contexto de desigualdade socioeconômica e vulnerabilidade, essas crianças enfrentam barreiras para a concretização de uma educação emancipadora e autônoma. Como destaca Arroyo (2018, p. 266), “as lutas de resistência merecem um lugar de destaque no território do conhecimento dos currículos”. A educação pública brasileira, seja na zona urbana ou rural, ainda enfrenta desafios estruturais que necessitam de soluções efetivas para garantir ensino de qualidade e aprendizagem significativa.

A relevância dessa investigação está alinhada com o objeto da pesquisa, que analisa as interações e brincadeiras nos ambientes educativos da Ciranda. A finalidade é observar e registrar as diversas formas como essas interações ocorrem, identificando padrões e variações nas relações sociais. Além disso, busca-se compreender os métodos e técnicas pedagógicas utilizadas pelos adultos para criar um ambiente educacional positivo e estimulante. Dessa forma, pretende-se contribuir para o (re)pensar das práticas pedagógicas a partir da experiência das crianças, destacando a importância dos papéis de cada grupo e seus impactos no desenvolvimento social e nas atividades lúdicas.

O estudo segue uma abordagem metodológica baseada em revisão de literatura, destacando a relevância social do tema. O relato de estudo de caso utilizando a observação participante, traz registros a partir de diário em caderno de campo, e análise das interações e brincadeiras entre crianças e adultos nos ambientes educativos da Ciranda.

Com base nesses aspectos, o estudo tem como objetivo evidenciar de que forma os ambientes educativos da Ciranda da LEdoC possibilitam as interações e brincadeiras entre as crianças e entre elas e os adultos, produzindo e (re)significando suas culturas.

REVISITANDO O FAZER DE SIGNIFICADOS NO AMBIENTE EDUCATIVO: CRIANÇAS PRODUZEM E RESSIGNIFICAM

Florestan Fernandes (2004) refere-se a introdução do conceito de cultura infantil quando se dedicou a estudar as interações e brincadeiras das crianças, destacando que elas não apenas reproduzem, mas recriam significados em seus grupos. Essa perspectiva foi ampliada por estudiosos como Corsaro (2011) e Sarmento (2011), que enfatizam a participação ativa das crianças na construção e ressignificação cultural. Segundo Corsaro (2011), às crianças não são apenas receptoras de cultura, mas agentes sociais que negociam e compartilham significados com seus pares e adultos, contribuindo para a transformação social. Nesse sentido, a Sociologia da Infância considera a criança como sujeito de direitos, vivenciando a infância de formas variadas conforme sua cultura, classe e território. Sarmento (2004) estrutura a cultura infantil em quatro pilares: Interatividade – participação coletiva em atividades; Ludicidade – ressignificação das brincadeiras nas relações interpessoais; Reiteração – recuperação e reinvenção de brincadeiras conforme as percepções infantis; e, Jogo simbólico – troca de experiências entre crianças e adultos.

Esses elementos evidenciam como as crianças constroem seus espaços educativos e sociais. Sarmento (2011) reforça que a história molda as condições de brincar, mas as crianças, como atores sociais, transformam suas experiências e contribuem para a sociedade. Nesse contexto, as interações infantis são permeadas por marcadores sociais como classe, gênero e etnia, alinhando-se à Resolução CNE/CEB Nº 5/2009, que define interações e brincadeiras como eixos essenciais da Educação Infantil.

4

O avanço do conhecimento ocorre quando questões são abordadas com pensamento crítico, ceticismo e novos olhares. Essa perspectiva permite revisitar fenômenos já conhecidos, reformulando compreensões e promovendo novas abordagens. No contexto da Educação Infantil no campo, essa postura é essencial para repensar práticas pedagógicas, assegurando que a inclusão e o desenvolvimento infantil sejam constantemente aprimorados com base em novas reflexões e evidências (Costa, Santo & Silva, 2021).

Ao abordar os saberes e fazeres das crianças na Ciranda da LEDoC/UFES, sob a perspectiva da pedagogia intercultural e da decolonialidade, este estudo enfatiza os conhecimentos das crianças da classe trabalhadora do campo, suas lutas e resistências. A abordagem decolonial, conforme Walsh (2009), busca superar a negação ontológica e epistêmica imposta pela colonialidade, promovendo a valorização das diversas expressões culturais e desafiando o monopólio da razão ocidental. A interculturalidade, nesse contexto, orienta-se por

uma geopolítica do espaço e da resistência histórica em direção à transformação social. Para Mignolo (2014), a decolonialidade é um caminho para a transmodernidade e a construção de uma sociedade alternativa, enquanto Dussel (2017) destaca seu papel na formulação de um conhecimento e poder social distintos. A ideia de "posicionamento crítico fronteiriço", baseada em Mignolo (2002), propõe uma epistemologia que rompe com a lógica colonial e favorece o diálogo entre diferentes formas de conhecimento.

Segundo Walsh (2002), a interculturalidade exemplifica uma epistemologia fronteiriça, articulando conhecimentos indígenas marginalizados e perspectivas ocidentais. Moura (2019) corrobora essa visão, argumentando que a episteme eurocêntrica uniformiza e exclui modos alternativos de produção do saber. Assim, na Ciranda da Ledoc, propõe-se uma Pedagogia Intercultural decolonial, fundamentada na interação entre conhecimentos diversos para atender às crianças pequenas. Walsh (2005) define a interculturalidade como um processo contínuo de comunicação e aprendizado entre culturas, baseado no respeito e na simetria. Para a autora, esse conceito envolve a criação de novos significados por meio do intercâmbio cultural, o reconhecimento e enfrentamento das desigualdades estruturais e a construção de responsabilidade e solidariedade social. Dessa forma, a interculturalidade torna-se não apenas uma prática, mas também uma meta social e política a ser alcançada (Walsh, 2001).

5

Walsh (2007) concebe a interculturalidade crítica como uma metodologia pedagógica decolonial que visa mudanças estruturais no sistema educacional, contrapondo-se a abordagens superficiais de inclusão. Para a autora, essa perspectiva emerge das experiências de submissão e subalternização, tornando-se um projeto político que busca alternativas à globalização neoliberal e à racionalidade ocidental. Assim, a interculturalidade crítica não se limita a um projeto étnico ou identitário, mas configura-se como um projeto de existência e transformação social. Essa abordagem ressoa com a luta contra a colonialidade na educação, promovendo a valorização da alteridade e da pluriversalidade humana. As pedagogias não coloniais, além de reconhecerem o "sul" cultural e geopolítico, mantêm um diálogo crítico com o "norte" na construção de uma utopia transmoderna. Dessa forma, pedagogias decoloniais são concebidas no plural, respeitando a diversidade dos sujeitos e contextos educacionais. Nesse sentido, Arroyo (2014) defende que diferentes sujeitos necessitam de abordagens pedagógicas específicas que atendam às suas realidades e necessidades.

A partir da perspectiva da utopia transmoderna, o pensamento decolonial se manifesta em diversas frentes de luta, como o Movimento dos Sem Terra e a defesa da educação do campo, incorporando movimentos sociais e instituições (Mignolo, 2008). Nesse contexto, as pedagogias decoloniais, conforme Walsh (2009, p. 27), dialogam com antecedentes crítico-políticos e emergem das lutas e práxis de orientação decolonial. São pedagogias que desafiam o mito racista da modernidade e o monólogo da razão ocidental, buscando transgredir e deslocar a negação ontológica, epistêmica e espiritual imposta pela colonialidade. A educação não se limita à transmissão de conhecimento humanizador, mas também reflete influências culturais, econômicas e políticas, podendo reproduzir desigualdades por meio de currículos rígidos e imposições ideológicas. O ato de educar nunca é neutro, pois envolve decisões que impactam a construção social (Nery et al., 2017).

No contexto da Ciranda da LEDoC/UFES, busca-se uma educação que equilibre igualdade e justiça, reconhecendo que tratar todos de forma idêntica pode, paradoxalmente, aprofundar desigualdades. A igualdade jurídica não leva em conta as diferenças individuais e estruturais que moldam oportunidades e experiências. A colonialidade na educação, reforçada pelo etnocentrismo, perpetua a marginalização de grupos historicamente subalternizados, como indígenas, negros, mulheres, pessoas com deficiência e outros. Essa lógica impõe padrões hegemônicos que desconsideram a diversidade cultural e social. No entanto, o relativismo cultural surge como alternativa para desafiar essas visões, promovendo práticas pedagógicas mais inclusivas (Schneider et al., 2019). A Ciranda da LEDoC propõe uma abordagem educativa que valoriza a diversidade e ressignifica relações de ensino-aprendizagem, rompendo com modelos tradicionais que invisibilizam sujeitos historicamente excluídos. Assim, reafirma-se a importância de uma educação comprometida com a equidade e o reconhecimento das especificidades culturais e sociais de cada indivíduo.

Para superar a visão pós-colonial de crenças eurocêntricas na compreensão das experiências infantis, a decolonialidade orienta a interculturalidade na Ciranda. A interculturalidade emerge como o caminho mais eficaz para a implementação dessa abordagem, pois fortalece o discurso decolonial no atendimento às crianças pequenas. Essa transição exige novas práticas pedagógicas baseadas nas interações das crianças nos ambientes educativos da Ciranda, onde produzem e ressignificam o mundo por meio do brincar e das diversas formas de interação lúdica (Schneider, et al., 2019). Acreditamos no protagonismo infantil, criando espaços

para ouvir suas vozes e garantir sua participação nos ambientes educativos. Essa abordagem fortalece a capacidade das crianças de lutar e resistir ao lado dos adultos. O território da Ciranda se constitui, assim, como um espaço de pertencimento para as crianças, tanto subjetiva quanto objetivamente, enraizando-se em suas identidades e estabelecendo vínculos afetivos profundos.

OS AMBIENTES EDUCATIVOS E INTERBRINCADEIRAS: RELATO DA PRODUÇÃO DAS CULTURAS INFANTIS

No ambiente educativo em que as crianças estão inseridas, vivenciando interbrincadeiras, a abordagem fundamentada na observação e nos relatos registrados das culturas infantis na Ciranda da Ledoc/UFES permitiu agrupar as categorias em unidades de análise que interagem entre si e com a base teórica da pesquisa. Esse processo ampliou nossa percepção para além das aparências e do olhar habituado ao cotidiano, possibilitando uma compreensão mais profunda das relações sociais e da complexidade do contexto educacional.

A experiência na Ciranda revelou um ambiente onde as crianças constroem significados coletivos, expressam sua identidade e participam ativamente na formação de valores. Durante as atividades, observamos como a brincadeira se torna um espaço de resistência e de expressão cultural, evidenciando os saberes que emergem da vivência cotidiana dessas crianças. Os registros demonstraram que, por meio das interações lúdicas, elas ressignificam suas experiências, articulam narrativas e fortalecem laços comunitários.

Para iniciar essa análise, foi essencial organizar essa unidade em torno da identidade dos “Sem Terrinha” e sua luta pela terra. Durante as interações, percebeu-se a organicidade das crianças no coletivo infantil, sua capacidade de auto-organização e a valorização de princípios como solidariedade e companheirismo. Essas práticas refletem um pertencimento que ultrapassa o espaço imediato da Ciranda e se conecta à luta maior das famílias pela reforma agrária.

A inserção das crianças nesse contexto não é apenas simbólica, mas parte de um processo de construção social interconectada. As Cirandas Infantis atuam como um espaço de vivência da historicidade do movimento, permitindo que os “Sem Terrinha” compreendam seu papel dentro da sociedade e reforcem sua identidade de luta. A experiência vivida na Ciranda mostrou que, desde cedo, essas crianças aprendem a se reconhecer como sujeitos históricos, contribuindo para a construção de uma nova sociedade pautada na justiça social e na coletividade.

A Ciranda da LEDoC/UFES, assim como a Educação do Campo, emerge como resultado das lutas e resistências dos sujeitos camponeses das classes trabalhadoras pelo direito de acesso e permanência na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Esse espaço, historicamente considerado institucionalizado e hostil para grupos sociais marginalizados, tem sido progressivamente ressignificado. Como destaca Arroyo (2018, p. 1100), esses sujeitos são "decretados à margem do protótipo hegemônico, único de igualdade". No entanto, ao ocupar e transformar esse território, eles o desterritorializam, redefinem e o tornam um espaço de resistência. Assim, o ambiente universitário passa a se conectar aos saberes e fazeres da terra, reforçando o vínculo identitário dos sujeitos camponeses e de suas crianças, fortalecendo o sentimento de pertencimento e de luta coletiva.

Nesse contexto, a organização da Ciranda da LEDoC/UFES para cada Tempo Universidade reflete esse compromisso coletivo. Seu funcionamento exige uma rede de ações solidárias entre mães, pais estudantes e a equipe de coordenação da Ciranda. A preparação tem início com a definição do espaço onde os ambientes educativos serão organizados, considerando-se a quantidade de crianças presentes, suas faixas etárias e suas necessidades específicas. A ornamentação e estruturação desse ambiente são cuidadosamente planejadas para garantir que as experiências das crianças dialoguem com seus interesses e contextos socioculturais diversos (BRASIL, 2012). Esse processo busca estimular a interação entre as crianças e a cultura lúdica, proporcionando experiências que reproduzem e ressignificam a vivência cotidiana, garantindo que a Ciranda seja um espaço de acolhimento, pertencimento e construção coletiva. Além de definir o local/espaço onde os ambientes educativos da Ciranda são organizados, a coordenadora, juntamente com a equipe de montagem, assume a responsabilidade de estruturar, guardar e desmontar esses espaços. Esse processo é conduzido pelos próprios estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDoC), reforçando a organicidade e o caráter coletivo da iniciativa. A Ciranda, portanto, se configura não apenas como um espaço de acolhimento infantil, mas também como um campo de formação prática para os licenciandos, que vivenciam a experiência de organização de um ambiente educativo inclusivo e participativo.

A coordenadora da Ciranda, em parceria com a coordenação do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDoC), também é responsável por garantir a segurança e a proteção das crianças, seguindo as diretrizes dos Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil (RCNEI). Segundo o documento:

Em concepções mais abrangentes, os cuidados são compreendidos como aqueles referentes à proteção, saúde e alimentação, incluindo as necessidades de afeto, interação, estimulação, segurança e brincadeiras que possibilitem a exploração e a descoberta (BRASIL, 1998).

Esse compromisso se traduz na presença ativa de um(a) monitor/a cirandeiro/a, geralmente estudante da graduação em Pedagogia ou da LEDoC, e de um professor da LEDoC, que, simultaneamente, acompanham as crianças durante o período do Tempo Universidade (TU). Além de observar e interagir nas brincadeiras e manifestações das crianças, esses profissionais garantem que as necessidades fisiológicas básicas sejam atendidas, como idas ao banheiro e acesso à água. Dessa forma, assegura-se um ambiente em que a infância é vivida com dignidade, respeitando os direitos fundamentais da criança e proporcionando experiências significativas para seu desenvolvimento.

O acolhimento das crianças nos ambientes educativos da Ciranda da LEDoC/UFES ocorre dentro de uma dinâmica cuidadosamente planejada, alinhada ao calendário do Tempo Universidade (TU). As crianças chegam ao campus acompanhadas por suas mães, pais ou responsáveis, todos eles estudantes matriculados no curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDoC). Durante o período de estadia, as famílias são acomodadas em hotéis próximos à universidade, o que facilita o trajeto diário até a Ciranda. As crianças são trazidas para os ambientes educativos da Ciranda munidas de materiais essenciais, como fraldas, lanches, garrafinhas e copos de água, chupetas, carrinhos de bebê e brinquedos favoritos. A chegada ao campus é marcada por interações que demonstram o vínculo e a preparação emocional tanto das mães quanto dos filhos. As mães, em especial, aproveitam esse momento para conversar com seus filhos sobre a importância de estar naquele espaço, explicando o papel que terão durante o dia. Elas reforçam a necessidade de obedecer, dividir o lanche e respeitar os demais colegas, valores que são transmitidos com carinho e disciplina.

Algo que chamou a atenção durante a observação foi a prática de auto-organização, que se reflete tanto na maneira como as mães instruem seus filhos sobre os brinquedos quanto na forma como esses brinquedos são utilizados na Ciranda. Um exemplo claro disso é a filosofia aplicada pelas mães: "quando você terminar de brincar ou não quiser mais brincar com aquele brinquedo, guarde-o no mesmo lugar onde o pegou." Esse ensinamento simples, mas importante, é parte da educação diária das crianças, criando uma conexão entre as regras da casa e o ambiente da Ciranda. "Brincou, depois guardou" torna-se uma norma que as crianças começam a internalizar, promovendo não apenas a organização, mas também o respeito ao

espaço compartilhado. O mais significativo dessa observação foi perceber o prazer genuíno das crianças ao serem levadas para a Ciranda. Para elas, esse espaço vai além de um local para aprender ou brincar; é visto como um lugar onde se sentem acolhidas e onde suas necessidades são atendidas, criando um ambiente seguro e afetivo. A alegria das crianças ao interagir com seus amigos e brincar livremente no espaço da Ciranda fica evidente, e isso reflete um forte sentimento de pertencimento.

Por outro lado, as mães e pais também demonstram um vínculo com esse espaço, não só pela segurança e confiança que têm no ambiente, mas pela interação que também estabelecem com seus filhos. As mães relatam, muitas vezes, a importância de se divertir junto com as crianças, compartilhando momentos de alegria e criando uma vivência única que fortalece o vínculo familiar. Esse movimento é essencial para a infância, pois oferece não apenas a oportunidade de aprender, mas também de se relacionar de maneira saudável, construir afetos e criar memórias significativas de pertencimento, tudo dentro de um espaço que promove o desenvolvimento integral da criança e da sua comunidade familiar.

Esse tipo de organização, que integra as crianças, suas famílias e os educadores de maneira tão fluida e envolvente, contribui para uma experiência rica de aprendizagem e de vivência. As mães, pais e responsáveis desempenham um papel fundamental não apenas no cuidado físico das crianças, mas também no fortalecimento das práticas pedagógicas da Ciranda, mostrando a importância da colaboração entre todos os membros da comunidade educativa para o bem-estar e o desenvolvimento das crianças. Cabe ressaltar que no Tempo Universidade (TU), são realizadas reuniões de auto-organização, onde se discutem assuntos como a organização do espaço da Ciranda, arrecadação de fundos e doações para o bazar solidário da Educação do Campo, com o objetivo de financiar a compra de brinquedos, kits de higiene e materiais pedagógicos para as crianças. As mães/pais estudantes também se comunicam via WhatsApp no Tempo Comunidade (TC) para que todos possam contribuir com as pautas discutidas. A acolhida das crianças é feita por uma professora da LEDoC e um/a cirandeiro/a, e as mães/pais são orientados sobre como proceder em caso de necessidade, com uma lista de presença das crianças e responsáveis organizada para garantir a segurança e o contato.

A ORGANIZAÇÃO DOS AMBIENTES EDUCATIVOS DA CIRANDA E AS INTERAÇÕES E BRINCADEIRAS

A Ciranda da LEDoC/UFES, inspirada nas práticas do MST, organiza seus ambientes educativos de forma itinerante, utilizando espaços ao ar livre, como debaixo de árvores ou lonas. Essa estrutura busca refletir a luta do movimento e proporcionar às crianças experiências de aprendizagem que envolvem criatividade, criticidade, autonomia, cuidado, cooperação e diálogo sobre questões sociais, como a reforma agrária.

Os ambientes são pensados para atender tanto aos interesses individuais quanto coletivos das crianças, promovendo sua autonomia. Localizados em uma área verde no campus universitário, perto de um manguezal, esses espaços permitem uma convivência saudável com a natureza, reforçando valores relacionados ao meio ambiente.

Nos ambientes da Ciranda, são usados materiais que remetem à vivência rural das crianças, como utensílios de cozinha, brinquedos que imitam a realidade do campo, jogos educativos e materiais reciclados para atividades criativas. Esses espaços são concebidos como locais de encontros e desencontros, incentivando a inventividade, ludicidade, solidariedade e aprendizado sobre cuidado e convivência comunitária, essenciais para o desenvolvimento infantil.

Rossetto (2009) destaca que as crianças, por meio do brincar, apropriam-se da realidade, expressando de maneira simbólica seus desejos, medos, sentimentos e impressões sobre o mundo ao seu redor. Nesse sentido, a Ciranda Infantil, como um espaço de aprendizagem e convivência, possibilita que as crianças desenvolvam o gosto pelo brincar, estabeleçam amizades e se expressem livremente.

As observações realizadas no cotidiano das crianças na Ciranda da LEDoC/UFES, permitiram a relação entre as práticas observadas e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), que concebem a criança como sujeito histórico e de direitos. As interações e práticas cotidianas vivenciadas pelas crianças contribuem para a construção de suas identidades pessoais e coletivas, favorecendo sua capacidade de brincar, imaginar, desejar e aprender, enquanto também produzem cultura.

Esse entendimento sobre a infância, que se reflete diretamente nas práticas da Ciranda, influencia o tratamento dado às crianças no espaço, considerando a autonomia delas para escolher brinquedos, brincadeiras, e até mesmo explorar diferentes espaços. Ao contrário da escola tradicional, com espaços-tempos rígidos e objetivos delimitados, a Ciranda propõe uma experiência educativa em que as crianças participam ativamente das escolhas, sem a imposição

de normas que busquem atender apenas aos interesses dos adultos. Nesse ambiente, valores como ludicidade, democracia, respeito ao meio ambiente e o rompimento de relações de dominação etária, étnicoracial, de gênero, regional e linguística são fundamentais (BRASIL, 2010).

A Ciranda, portanto, oferece um modelo educativo que reforça a importância da autonomia infantil e do respeito às suas vivências e culturas, criando um espaço de liberdade e participação, propício para o desenvolvimento pleno da criança.

Os ambientes educativos da Ciranda da LEDoC/UFES são organizados com base em três dimensões pedagógicas fundamentais: “fazer com as crianças”, “fazer para as crianças” e “fazer sobre as crianças”. Essas dimensões são tratadas como processos de resistência que buscam construir uma educação emancipatória. O objetivo é assegurar os direitos das crianças e das mães/pais estudantes da LEDoC/UFES, garantindo um espaço seguro para o acolhimento dos filhos enquanto os adultos permanecem em seus cursos.

A abordagem do “fazer para as crianças” na Ciranda é realizada pela equipe pedagógica, liderada pela Prof^a Dr^a Rosali. As atividades propostas são intencionalmente políticas e pedagógicas, alinhadas ao compromisso com a luta pela permanência dos estudantes e de suas famílias neste território universitário. Esse processo visa transformar o campus universitário em um “território usado”, um espaço de pertencimento, onde o reconhecimento dos saberes e práticas das famílias que compõem o Movimento dos Sem Terra (MST) se entrelaça com o projeto pedagógico das Cirandas Infantis. Esse trabalho contribui para a criação de uma educação que reafirma a identidade e os valores do movimento social, ao mesmo tempo que favorece a autonomia das crianças, oferecendo-lhes um ambiente seguro e acolhedor, e reforça a ideia de que esse território é, de fato, um lugar legítimo para as crianças Sem Terrinha.

No campo do “fazer com as crianças”, o foco é a construção da identidade Sem Terrinha, o fortalecimento do sentimento de pertencimento e a resistência à ideia de que a universidade

não é um espaço para essas crianças. Esse aspecto é visto como um grande progresso, mas também como um desafio significativo. A participação das crianças na construção de seu próprio aprendizado e nas atividades da Ciranda proporciona oportunidades para reforçar sua identidade como sujeitos de direitos e protagonistas na transformação de sua realidade. As crianças, por meio de suas culturas infantis, valores e memórias, são vistas como participantes

ativas na construção de uma nova perspectiva de educação, que valoriza seu modo de ser e viver, e reconhece sua contribuição para a sociedade.

O conceito de “fazer com” as crianças na Ciranda implica em reconhecê-las como sujeitos capazes de criação e de formulação de projetos de sociedade. No contexto das crianças Sem Terrinha, isso se manifesta no fortalecimento da identidade dessas crianças e no estímulo para que elas sejam protagonistas da transformação social. O brincar, nesse sentido, não é apenas uma atividade lúdica, mas uma forma de resistência e construção de uma nova realidade, com as crianças criando, defendendo e implementando suas próprias ideias e projetos dentro do movimento. A presença dos professores e educadores, ao adotarem a perspectiva de “fazer com” as crianças, é essencial para consolidar essa participação ativa e para construir coletivamente o processo de desenvolvimento humano dos pequenos.

Por outro lado, o “fazer sobre as crianças” está mais relacionado à sistematização das práticas e experiências dos movimentos sociais, particularmente o MST. Nesse caso, a principal dificuldade reside na escassez de pesquisas específicas sobre a infância dentro desse contexto, além de uma falta de pesquisadores diretamente envolvidos com o movimento. Contudo, a contribuição desses estudos externos, mesmo que não ligados ao MST, é relevante, pois pode ajudar a ampliar a compreensão das questões pedagógicas e sociais no movimento. Nesse ponto, é fundamental que os educadores se apropriem dessas práticas pedagógicas e avancem na construção de um ensino que respeite e potencialize a autonomia das crianças.

13

Uma das metas principais da Ciranda é promover uma pedagogia que, ao valorizar a cultura e a experiência das crianças Sem Terrinha, desafie e busque romper com as práticas pedagógicas eurocêntricas que dominam as escolas tradicionais. Essa perspectiva propõe uma educação que não apenas respeite as identidades e saberes dos sujeitos do campo, mas também promova a reflexão crítica sobre as práticas escolares e curriculares. Assim, as propostas pedagógicas da Ciranda não ficam restritas ao espaço da universidade ou do movimento, mas se expandem para escolas e outras instituições educacionais, abrindo caminho para novas formas de ensino que contemplem a diversidade cultural e a luta por direitos, como a luta pela terra.

No contexto das interações e brincadeiras entre as crianças, foi notado que as atividades realizadas na Ciranda da LEDoC/UFES promovem uma rica troca de experiências entre elas, independentemente da faixa etária ou gênero. A interação nas brincadeiras é fluida e

espontânea, refletindo um ambiente inclusivo, onde todos têm a liberdade de explorar, criar e se expressar. Durante o dia de observação, foi possível perceber como os brinquedos e ambientes foram cuidadosamente planejados para estimular as crianças a replicarem suas vivências cotidianas no campo, como o faz de conta com o fogão a lenha, que remete diretamente às experiências das crianças em suas casas rurais, onde o contato com a natureza e as atividades diárias como cozinhar, cuidar da horta e interagir com os animais são comuns.

A Ciranda, portanto, se torna um espaço de vivência de práticas que são familiares às crianças, mas agora contextualizadas em um novo espaço, como é o caso do brinquedo de casinha. Esse brinquedo não apenas incentiva a criatividade, mas também promove o entendimento de papéis sociais e responsabilidades dentro de um ambiente familiar, onde as crianças são encorajadas a cuidar umas das outras e de suas bonecas, além de realizar tarefas domésticas em suas brincadeiras. Essa abordagem pedagógica, fundamentada nas vivências de vida das crianças no campo, é alinhada às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2012), que reconhecem a importância de respeitar as diferentes realidades culturais e socioeconômicas das crianças, garantindo que sua identidade seja valorizada e que suas brincadeiras expressem e fortaleçam essa realidade.

Outro aspecto importante das observações realizadas é a interação das crianças com os móveis artesanais e objetos usados nas brincadeiras, como os móveis e brinquedos feitos de materiais reciclados. Esses materiais não apenas estimulam a criatividade, mas também fazem parte do cotidiano das mães, que frequentemente se dedicam à produção artesanal para a venda, como o bordado de panos de prato ou a criação de peças ornamentais. Essas atividades são um reflexo da vivência comunitária e solidária entre os estudantes da LEDoC/UFES e suas famílias, reforçando os laços de pertença e coletividade. A interação entre as crianças com esses objetos e a recreação com materiais não estruturados também favorece o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e emocionais, sendo um exemplo claro de aprendizagem através da brincadeira, conforme abordado por Rossetto (2009), que destaca a importância do brincar no desenvolvimento das crianças como uma forma de expressão de seus desejos e identidades. Além disso, a utilização de cantigas de roda e outros jogos de grupo, como o "Vamos brincar de ônibus?", enriquece o ambiente educativo, pois permite que as crianças compreendam e vivenciem conceitos de cooperação, regras sociais e compartilhamento. Esses momentos de brincadeiras coletivas são importantes não só para o desenvolvimento da linguagem e da

expressão criativa, mas também para a construção de uma cultura infantil coletiva, onde as crianças não só brincam, mas também aprendem a negociar, a respeitar turnos e a desenvolver uma consciência de grupo.

Esses aspectos mostram como a Ciranda da LEDoC/UFES se constitui como um ambiente de aprendizagem e desenvolvimento, fundamentado nas experiências culturais e cotidianas das crianças do campo, respeitando suas vivências e proporcionando um espaço seguro e estimulante para o seu crescimento. A importância desse espaço vai além do simples acolhimento, sendo uma ferramenta de resistência e fortalecimento da identidade das crianças Sem Terrinha, permitindo que se conectem com suas raízes e se projetem como sujeitos ativos na transformação de sua realidade. A organização dos ambientes educativos da Ciranda da LEDoC/UFES é cuidadosamente estruturada para proporcionar diversas experiências pedagógicas, adaptadas ao contexto e à realidade das crianças que frequentam o espaço.

Os ambientes são planejados para refletir o cotidiano das crianças, garantindo que as atividades e os materiais disponíveis tragam significados familiares e culturais, além de estimular o desenvolvimento sensorial, motor, emocional e social. Entre os principais ambientes estão: "Minha Criação Artística", que favorece a expressão artística e a criatividade; "Vamos Brincar de Casinha?", que replica situações do dia a dia das crianças; "A Matemática me Encanta!", que trabalha o raciocínio lógico de forma lúdica; e outros como "Que Soninho!" e "Venha Brincar Comigo!", que atendem diferentes necessidades de brincar e descansar das crianças. Esses espaços são equipados com materiais que fazem referência ao contexto rural das crianças, como brinquedos de imitação, utensílios de cozinha, fogão a lenha e objetos que promovem o faz de conta, além de livros infantis, cantigas de roda e jogos que estimulam a interação e o aprendizado.

As crianças têm liberdade para explorar, brincar e interagir, com destaque para a forma como elas se envolvem em atividades que imitam a vida cotidiana, como brincar de cozinhar ou cuidar das plantas. Foi observado também que a adaptação ao ambiente de Ciranda pode ser um desafio para algumas crianças, como evidenciado por um momento em que uma criança, em fase de adaptação, chorava por sentir falta da mãe. Nesse contexto, a coordenação e os adultos responsáveis foram fundamentais para proporcionar segurança e conforto, oferecendo apoio emocional até que a criança se sentisse mais à vontade.

Outro aspecto importante é a maneira como a Ciranda permite a participação ativa das crianças no processo educativo, destacando-se o conceito de "fazer com" a criança, em que ela se torna protagonista de suas experiências. Essa abordagem não apenas fortalece a identidade das crianças, mas também as valoriza como sujeitos de direitos e produtores culturais. Ao final de cada período, as crianças são cuidadosamente acompanhadas por adultos até o momento de ser devolvidas aos seus responsáveis, garantindo sua segurança. Assim, a Ciranda da LEDoC/UFES se configura como um espaço educativo que, além de oferecer cuidado e lazer, é também um ambiente de resistência e de valorização da cultura e identidade das crianças do campo, promovendo sua autonomia e participação ativa em sua formação e nas dinâmicas sociais que as envolvem.

MÉTODOS

O estudo caracteriza-se como um relato de experiência, articulado a uma revisão de literatura e a um estudo de caso fundamentado na observação participante. A pesquisa está vinculada ao projeto de qualificação de mestrado e tem como foco a compreensão dos ambientes educativos da Ciranda da Licenciatura em Educação do Campo (LEDoC/UFES), considerando as práticas pedagógicas desenvolvidas com e a partir das crianças. A abordagem metodológica fundamenta-se em uma perspectiva de práxis política, decolonial e crítica da interculturalidade, buscando compreender as dinâmicas, os desafios e as potencialidades da Ciranda enquanto espaço educativo.

16

O estudo destaca a Ciranda da LEDoC/UFES, como espaço educativo organizado para acolher os filhos e filhas de mães e pais estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo, possibilitando a permanência desses sujeitos na universidade. O relato também contempla experiências com crianças matriculadas em um Centro Municipal de Educação Infantil da Região Metropolitana da Grande Vitória/ES, incluindo situações de crianças que demandavam acompanhamento especializado e enfrentavam desafios relacionados à inclusão e à interação social.

A produção dos dados ocorreu por meio de observação participante, com registros realizados em diário/caderno de campo, considerando as interações, brincadeiras e relações estabelecidas entre crianças e adultos nos ambientes educativos da Ciranda. A observação possibilitou identificar e organizar categorias ou unidades de análise relacionadas às culturas

infantis, às interações, às brincadeiras, à identidade, ao pertencimento, à autonomia e às relações entre crianças e adultos. A análise articula os pressupostos da Sociologia da Infância, da Educação do Campo, da interculturalidade crítica e da decolonialidade. O estudo compreende as crianças como sujeitos históricos, sociais e de direitos, capazes de produzir, compartilhar e ressignificar culturas por meio das interações e brincadeiras.

RESULTADOS

Os resultados evidenciam que a Ciranda da LEdoC/UFES constitui um ambiente educativo no qual as crianças participam ativamente das experiências, produzem significados, expressam suas identidades e fortalecem relações de pertencimento e coletividade.

Interações e produção das culturas infantis

A observação revelou que as brincadeiras constituem importantes espaços de expressão cultural. Por meio delas, as crianças reproduzem, recriam e ressignificam experiências vivenciadas em seus cotidianos, estabelecendo relações com outras crianças e com os adultos.

As interações apresentaram-se de forma espontânea e fluida, envolvendo crianças de diferentes idades e gêneros. Os ambientes foram organizados de modo a favorecer a exploração, a criatividade, a autonomia e a expressão infantil.

17

Identidade e pertencimento

Um dos resultados mais significativos refere-se à construção da identidade das crianças como “Sem Terrinha”. A participação coletiva, a solidariedade, o companheirismo e a auto-organização observados nas crianças relacionam-se à história e às lutas das famílias do campo e do MST.

A Ciranda também se apresenta como um espaço de pertencimento, permitindo que as crianças reconheçam a universidade como um território que também lhes pertence.

Brincadeira e cotidiano do campo

Os ambientes e materiais pedagógicos foram organizados considerando as experiências culturais das crianças. Foram observadas brincadeiras envolvendo fogão a lenha, casinha,

cozinha, horta, animais, objetos artesanais, materiais recicláveis, cantigas de roda e jogos coletivos.

Essas experiências possibilitaram que as crianças trouxessem elementos de seu cotidiano rural para o espaço universitário, atribuindo novos sentidos às experiências por meio do brincar.

Autonomia e protagonismo infantil

Outro resultado importante foi a participação das crianças nas escolhas relacionadas às brincadeiras, aos brinquedos e aos espaços. A proposta do “fazer com as crianças” favoreceu a compreensão da criança como protagonista e produtora de cultura.

As interações também favoreceram o desenvolvimento de práticas de cooperação, solidariedade, negociação, respeito aos turnos, compartilhamento e consciência coletiva.

Acolhimento, cuidado e participação das famílias

Os resultados demonstraram ainda a importância da participação das mães, pais, responsáveis, educadores e estudantes na organização da Ciranda. As famílias não participam apenas dos cuidados físicos, mas também contribuem para o fortalecimento das práticas pedagógicas.

Também foi observado que o acolhimento dos adultos é fundamental nos momentos de adaptação, especialmente quando algumas crianças manifestam insegurança ou choram pela ausência da mãe.

DISCUSSÃO

Os resultados podem ser discutidos a partir da compreensão da criança como **sujeito social**, histórico, cultural e de direitos, perspectiva central da Sociologia da Infância e presente nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

A criança como produtora de cultura

Os achados dialogam diretamente com **Florestan Fernandes, Corsaro e Sarmento**, que compreendem as crianças não como simples receptoras da cultura adulta, mas como sujeitos que produzem e ressignificam culturas nas relações com seus pares e com os adultos.

Nesse sentido, as brincadeiras observadas na Ciranda demonstram que as crianças transformam suas experiências cotidianas em novas formas de expressão, criando significados próprios para as vivências do campo, da família e da comunidade.

O brincar como prática pedagógica e cultural

Os resultados reforçam a compreensão de que **brincar não é apenas uma atividade recreativa**, mas constitui uma importante forma de aprendizagem, expressão e produção cultural.

Na Ciranda, o brincar permite que as crianças expressem desejos, sentimentos, experiências e conhecimentos, ao mesmo tempo em que desenvolvem relações de cooperação, criatividade, linguagem, autonomia e pertencimento. Essa compreensão dialoga com Rossetto (2009), citado no artigo.

Interculturalidade e decolonialidade

A experiência da Ciranda também pode ser compreendida a partir da **interculturalidade crítica e da perspectiva decolonial**. Walsh é utilizada no artigo para defender uma educação que reconheça diferentes formas de conhecimento e questione a hegemonia de uma única racionalidade cultural.

19

Nesse sentido, os ambientes educativos da Ciranda valorizam os saberes das crianças e de suas famílias, especialmente aqueles relacionados à vida no campo, às experiências comunitárias e à identidade dos sujeitos do MST.

A proposta rompe, portanto, com práticas educativas que invisibilizam ou desconsideram as especificidades culturais dos sujeitos, buscando construir uma educação pautada na diversidade, na equidade e no reconhecimento das diferenças.

Educação do Campo, identidade e território

Os resultados também evidenciam que a Ciranda não pode ser compreendida apenas como um espaço destinado ao cuidado das crianças enquanto seus familiares estudam.

Ela se constitui como um **território educativo, político e cultural**, no qual as crianças constroem vínculos com a universidade, com suas famílias, com o campo e com o movimento social.

A organização da Ciranda possibilita, assim, uma ressignificação do próprio espaço universitário, transformando-o em território de pertencimento para as crianças e suas famílias.

O papel dos adultos

A discussão também evidencia que o protagonismo infantil **não significa ausência dos adultos**. Ao contrário, professores, monitores, famílias e demais educadores possuem papel fundamental na criação de condições para que as crianças possam brincar, interagir, explorar e participar.

A perspectiva do “**fazer com as crianças**” representa justamente uma relação pedagógica na qual o adulto deixa de ocupar exclusivamente o lugar de quem determina as ações e passa a construir experiências juntamente com as crianças.

A Ciranda como espaço de resistência

Por fim, a experiência analisada permite compreender a Ciranda como um **espaço de resistência, acolhimento, formação e transformação social**. A proposta articula cuidado, educação, cultura, identidade, participação e direitos das crianças e de suas famílias.

Dessa maneira, os resultados sustentam a ideia de que a Ciranda da LEdoC/UFES apresenta uma experiência de Educação do Campo que valoriza as especificidades culturais e sociais das crianças e contribui para sua formação como sujeitos autônomos, participativos e produtores de cultura.

20

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo abordou a experiência educativa da Ciranda da LEdoC/UFES, uma proposta pedagógica voltada para o atendimento das crianças de mães/pais estudantes, com o objetivo de garantir a permanência desses estudantes em seus cursos. A Ciranda se configura como um espaço de resistência, de formação e de valorização da identidade cultural e social das crianças do Movimento Sem Terra (MST). Ao longo da pesquisa, foram analisados os ambientes educativos da Ciranda, as interações e brincadeiras entre as crianças e a forma como o processo pedagógico é organizado para promover a autonomia, a criatividade e a apropriação da realidade pelas crianças.

A Ciranda da LEDoC/UFES adota uma abordagem pedagógica integrada, fundamentada na concepção da criança como sujeito histórico e de direitos, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010). Nesse contexto, as crianças são estimuladas a construir sua identidade e sua cultura, com ênfase na ludicidade, na expressão artística e no desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais. A organização dos ambientes educativos da Ciranda reflete a realidade das crianças do campo, com materiais e brinquedos que simulam o cotidiano rural, como fogões a lenha, brinquedos de cozinha e objetos que promovem o faz de conta. Esses espaços oferecem liberdade para as crianças brincarem, se expressarem e interagirem com outras crianças, independentemente de faixa etária ou gênero, fortalecendo o sentimento de pertencimento ao seu território e à sua cultura.

O conceito de "fazer com as crianças" é central na proposta pedagógica da Ciranda, em que as crianças são convidadas a participar ativamente do processo educativo. Esse envolvimento é essencial para a construção de sua identidade como sujeitos de direito e agentes de transformação social. A interação entre as crianças e os adultos, bem como entre as próprias crianças, permite que se desenvolvam práticas de cooperação, solidariedade e autonomia, que são fundamentais tanto para o aprendizado quanto para o fortalecimento da luta pela permanência no espaço universitário. A Ciranda também se destaca como um lugar de resistência à fragmentação do espaço escolar tradicional, oferecendo uma alternativa educativa que se contrapõe às limitações da escola convencional, com práticas pedagógicas inclusivas e democráticas. Outro ponto relevante observado foi a importância do cuidado com as crianças, especialmente nas fases de adaptação, como demonstrado em momentos de choro e busca por segurança. A coordenação e os educadores desempenham um papel crucial nesse processo, oferecendo apoio emocional e garantindo que as necessidades das crianças sejam atendidas, respeitando seu tempo de adaptação e suas demandas individuais.

A metodologia de ensino da Ciranda da LEDoC/UFES contribui para a formação de uma nova geração de sujeitos críticos, criativos e conscientes de seus direitos, alinhados aos valores do MST e da educação no campo. As práticas pedagógicas, como o incentivo à musicalização, ao jogo simbólico e à expressão artística, favorecem o desenvolvimento da autonomia e da identidade cultural das crianças, além de promoverem a reflexão sobre questões sociais e ambientais, como o cuidado com o meio ambiente e com os outros.

Em suma, a Ciranda da LEDoC/UFES se configura como um espaço educativo inovador e transformador, que alia a prática pedagógica à luta pela permanência e pelo reconhecimento dos direitos das crianças e de suas famílias. A experiência da Ciranda oferece uma proposta de educação no campo que pode servir de modelo para outras iniciativas de educação infantil, principalmente no que tange à construção de ambientes de aprendizagem que respeitam as especificidades culturais e sociais das crianças, fortalecendo seu papel como protagonistas na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

- Arroyo, M. G. (2014). “Repensar o Ensino Médio: Por quê?” Dayrell, J. ; Carrano, P.; Maia, C. L. Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Arroyo, M. G. (2018). Currículo, Território em Disputa. 5ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes.
- Brasil. (1998). Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, v. 1 - 3.
- Brasil. (2012). Ministério da Educação. Brinquedos e Brincadeiras de Creches: manual de orientação pedagógica. Brasília.
- Brasil. (2020). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB.
- Corsaro, W. A. (2011). Sociologia da infância. Porto Alegre: Artmed.
- Fernandes, F. (2004). As “Trocinhas” do Bom Retiro. Revista Pró-Posições, v.15, n.1 (43), jan./abr., p. 229-250.
- Costa, R. D. C.; Santos, E. C. dos; Silva, K. A. da. (2021). Educação intercultural, letramentos de resistência e formação docente. São Paulo: Abralin.
- Dussel, E. A (2017). Filosofia da Libertação frente aos estudos pós-coloniais, subalternos e a pós-modernidade. Rev. Direito e Práx., Rio de Janeiro, v. 8, n. 4, p. 3232-3254, 2017. Mignolo, W. (2008). La opción des-colonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto y un caso. En: Cairo, H.; Mignolo, W. (Ed.) Las vertientes americanas del pensamiento y el proyecto des-colonial. Madrid: Trama Editorial;Gecal, p.175-209.
- Mignolo, W. (2014). El color de la razón: racismo epistemológico y razón imperial: 9-18, Del Signo, Buenos Aires.
- Moura, E. S. (2019). Des/obediência docente na de/colonialidade da Arte/ educação na América Latina. In: Revista Gearte, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 313-325, maio/ago.

Nery, V. C. R. et al. (2017). Diversidade e diferença: sub(vertendo) o tabu da discussão sobre sexualidades na escola. Seminário Gepráxis, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 6, n. 6, p. 3883-3894.

Rosseto, E. R. A. (2009). Essa ciranda não é só minha, ela é de todas nós: a educação das crianças sem terrinha do MST. 2009. 232 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Sarmiento, M. J. (2011). A reinvenção do ofício de criança e de aluno. Atos de Pesquisa em Educação, v. 6, n. 3, p. 562-571, set./dez.

Schneider, A. P. R.; Bini, F. G. P.; Cavaltante, F. de O. F.; Neves, J. G.; Pacífico, M. (2019). Práticas pedagógicas para diversidade étnica e racial na educação: diário de bordo. Revista Intersaberes vol.14 nº32.

Walsh, C. (2001). La educación Intercultural en la Educación Peru: Ministerio de Educación. (documento de trabalho).

Wals, C. (2002). “(De)Construir la interculturalidad. Consideraciones críticas desde la política, la colonialidad y los movimientos indígenas y negros en el Ecuador, en Interculturalidad y Política, Norma Fuller (ed.). Lima: Red de Apoyo de las Ciencias Sociales.

Wals, C. Introducion - (Re) pensamiento crítico y (de) colonialidad (2005). In:

Wals, C. Pensamiento crítico y matriz (de)colonial. Reflexiones latinoamericanas. Quito: Ediciones Abya-yala. p. 13-35.

Wals, C. (2007). Interculturalidad Crítica/Pedagogia decolonial. In: Memórias del Seminário Internacional "Diversidad, Interculturalidad y Construcción de Ciudad", Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional 17-19 de abril.

Wals, C. (2008). Interculturalidad, plurinacionalidad y decolonialidad: las insurgências político-epistémicas de refundar el estado. Revista Tabula Rasa, 9, 131 52.

Wals, C. (2009). Interculturalidad crítica y educación intercultural. In: Vianã, J.; Tapia, L.; Wals, C. Construyendo Interculturalidad Crítica. Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello. La Paz, Bolívia. Seminário Interculturalid y Educación Intercultural. Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, La Paz, 9-11 de março, p. 75-96.